

PRIMEIRO BARCO DE TOBÓSSIS EM UM TERREIRO DE MINA NO MARANHÃO

Gerson, LINDOSO (1)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA, Campus Zé Doca, Rua da Tecnologia, nº 215 Vila Amorim, Zé Doca-MA.; e-mail: gersinhu@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma reflexão antropológica sobre a figura das entidades espirituais infantis femininas denominadas ‘tobóssis’, ‘tobosas’, meninas, moças ou sinhazinhas, particularmente na religião de matriz afro do Maranhão, Tambor de Mina, focalizando o terreiro de Ogum e Sogbô, do babalorixá Airton Gouveia no bairro da Liberdade na cidade de São Luís. Analisaremos uma festa de ‘feitura’ ou ‘iniciação’ para essas entidades em que três filhos-de-santo dessa casa foram submetidos a rituais específicos para atingirem o grau máximo dentro da religião (vodúnsi-hunjaí), o de pai ou mãe-de-santo, tendo garantido o poder de abrir o seu próprio terreiro ou casa de santo. Nesse mesmo contexto estenderemos observações as representações das tobóssis nos terreiros de Mina mais ‘tradicionais’ ainda em funcionamento no Estado, Casa das Minas e Casa de Nagô, problematizando algumas questões intrínsecas de como terreiros de Mina mais contemporâneos apresentam essa categoria de entidades, suas características, influências externas e funções específicas dentro do culto.

Palavras-Chave: Tambor de Mina, Barco de Tobóssis, Ritual de Iniciação, Ilê Ashé Ogum Sogbô.

1. INTRODUÇÃO

As análises reflexivas em torno dessas entidades espirituais infantis femininas, especialmente um ritual de preparação para ‘receber’ ou ‘entrar em transe com elas’ é aqui a nossa preocupação principal dentro da ótica religiosa e antropológica. Esse tema faz parte de nossas pesquisas científicas na cidade de São Luís no Estado do Maranhão tendo como foco uma comunidade-terreiro contemporânea intitulada ‘Casa de Força de Ogum e Sogbô ou Ilê Ashé Ogum Sogbô (nome africano) desse terreiro de Tambor de Mina, chefiada pelo pai-de-santo ou babalorixá Airton Gouveia no bairro da Liberdade. Tomamos como base de estudos esse terreiro, que culminou na elaboração de nossa dissertação de mestrado, onde direcionamos olhares para a questão dos pluralismos e diversidade afro-religiosa presente nos terreiros de religião afro maranhense, especificamente nas casas de Mina.

Nossa trajetória dentro da pesquisa vem desde nossa graduação em Comunicação Social (Jornalismo, 2005) e em Letras (licenciatura, 2007), quando desenvolvemos pesquisa de iniciação científica nas Ciências Sociais Aplicadas (Antropologia), priorizando as questões culturais como elementos estruturais para o discernimento do processo compreensivo da linguagem e das idéias. A importância de percebermos os fenômenos sócio-culturais no momento de seu desenvolvimento ou nos seus espaços reais possibilita entendermos vários de seus elementos constituintes, o que eles significam; a causa dos seus efeitos, etc.

Tomamos o trabalho de campo (a observação-participante) como grande arma para nos tornarmos ‘diferentes’ dentro da nossa própria cultura, tão diversa e diferenciada dentro de um contexto em que nós mesmos fazemos parte. Pontuamos que essas inquietações fazem parte de um projeto de pesquisa contínuo dentro da Antropologia das Religiões Afro-Brasileiras, disciplina que se preocupa em analisar o fenômeno religioso dos grupos sociais que se identificam com as heranças africanas no âmbito religioso.

2. HISTÓRICO DO ILÊ ASHÉ OGUM SOGBÔ

O Ilê Ashé Ogum Sogbô (Casa de Força de Ogum e Sogbô) é um terreiro de Tambor de Mina localizado atualmente na rua Nossa Senhora das Graças, nº 62 no bairro da Liberdade em São Luís do Maranhão comandado pelo babalorixá Airton Assunção Gouveia. Nesse ano de 2010 o terreiro comemora suas bodas de prata com vinte e cinco anos de existência e de funcionamento. A casa foi fundada no dia 24 de junho de 1985 em um outro endereço, mas no mesmo bairro da Liberdade, na rua Tomé de Sousa, nº 93 ao lado da igreja católica de Santo Expedito, local onde foram iniciadas grande parte das suas atividades afro-religiosas (ladainhas católicas, sessões de caboclos, consultas espirituais com entidades, etc.). Segundo Pai Airton Gouveia, a oficialização ou autorização para a abertura do seu terreiro ocorreu com o aval de seu finado pai-de-santo, Jorge Itaci de Oliveira, mais conhecido como ‘Jorge da Fé em Deus’ ou ‘Jorge Babalaô’, fundador do Ilê Ashé Iemowá ou Casa de Iemanjá.

Em meio a uma ladainha católica para São João ainda na rua Tomé de Sousa, o povo (pessoas presentes, futuros filhos e filhas-de-santo, que já acompanhavam Airton) ‘foram caindo’ ou entrando em transe com suas entidades espirituais (caboclos, guias espirituais, entre outros) nessa ocasião. Diante disso, Jorge Babalaô que também participava desse momento de louvação mandou que ele abrisse seu próprio terreiro de Tambor de Mina.

A família de Pai Airton residiu por mais de uma década nesse antigo endereço, vindo a se mudar para uma casa própria em meados da década de 90. Mãe Aíla, contra-guia ou mãe pequena do Ilê Ashé Ogum Sogbô e irmã biológica de Airton pontua algumas boas recordações e faz menção ou relembra da ‘pracinha de Codó’, pequena área no quintal da antiga casa deles que os encantados da família de Légua Bugí costumavam ficar depois dos toques de Mina conversando, bebendo e se confraternizando.

Depois que eles se mudaram da Tomé de Sousa para a rua Nossa Senhora das Graças, atual sede do terreiro, tiveram que fazer uma série de reformas e construções na nova casa pois a mesma estava alicerçada em uma área não muito sólida (meio fofa e úmida) estando ao fundo próxima de lamaçais de mangue. O espaço atual do Ilê Ashé Ogum Sogbô é classificado por Aíla como uma casa de Mina ou terreiro ‘encantado’, pois além de ser um local que emana ashé ou força vital proveniente dos deuses o terreiro foi construído por ‘eles’, os ‘encantados’ de nossa casa, pedra por pedra.

Dona Taquariana ‘em cima’ (incorporada) em pai Airton e seu Zé de Légua em dona Marizete (mãe pequena já falecida e antiga da casa) carregavam e quebravam muitas pedras e pedregulhos para entulhar a área do terreiro, participando também das reformas e reparos, ajudando e carregando materiais de construção em uma espécie de mutirão com as pessoas da família biológica e de santo de Airton. Aos poucos eles foram conseguindo aumentar o espaço-terreiro de Ogum e Sogbô para melhor acomodar todos de modo satisfatório e confortável.

O nome africano da casa ‘Ilê Ashé Ogum Sogbô’ foi sugerido por pai Jorge Itaci e faz alusão as entidades espirituais principais da casa e do seu líder espiritual Airton Gouveia, o orixá Ogum (deus do ferro e dos metais) e o vodum Sogbô (vodum nagô, mãe de todos os voduns da família de Quevioçô, guia-astro, representa o raio e adora Santa Bárbara). Há ainda várias entidades espirituais (orixás, voduns, encantados e caboclos) que regem o terreiro (as chamadas ‘colunas’) como Iemanjá, Nanã, Oxum, Badé, Xapanã, Obaluaê, Xangô, Odé, além dos encantados como o gentil Barão de Guaré (família dos lençóis), o turco João Guará e Cabocla Mariana (família da Turquia); Miguelzinho de Gama (Família da Gama); Dona Taquariana (cabocla índia que vem na linha de surrupira); seu Folha Seca (da família de Codó ou de Légua Bugi) e outros.

Esse terreiro de Tambor de Mina pertence as seguintes nações africanas ou segue as heranças culturais dos respectivos grupos étnicos Jeje (de culto aos voduns jeje daomeanos: Doçú, Acóssi, Abê, etc.), nagô (orixás: Ogum, Iemanjá, Nanã, etc.); Cambinda (Boço Jara, Boço Vondereji, Meméia, etc.). Além de cultuar as entidades espirituais africanas podemos citar a ênfase aos encantados e caboclos distribuídos em vários agrupamentos, famílias, linhas (tais como Lençóis, Codó, Turquia, Gama, Baía, dos Botos ou de João de Lima, Bandeira, dos Bastos ou de Rei do Juncal, Marinheiro, de Caboclo Roxo, de Preto-Velho, de Surrupira, das moças ou meninas).

É importante pontuar que o Ilê Ashé Ogum Sogbô realiza também manifestações ligadas ao catolicismo e a cultura popular como a festa do Divino Espírito Santo, no mês de setembro, em que a casa realiza seu grande festejo, que tem sua culminância no dia dos santos católicos Cosme e Damião (dia 27). A queimação de palhinhas do presépio com a realização de uma grande ladainha, usualmente é realizada pelo terreiro de pai Airton no mês de fevereiro.

Quanto a cultura popular maranhense, é organizada no mês de junho a brincadeira do boi de encantado (batizado e pequena apresentação) para ‘Seu Dominginhos Légua’, um dos guias espirituais do pai pequeno Leandro de Nanã. Já no mês de setembro ao longo do grande festejo da casa, é feita a morte do boi de Seu Dominginhos, concentrando um grande número de pessoas nesse ritual.

Em maio é organizado um tambor de crioula para os Pretos-Velhos e para São Benedito sempre no dia 13, dia da abolição da escravidão. Podemos ainda mencionar o bloco afro, que foi organizado recentemente (ano de 2009) com a participação de jovens dessa comunidade-terreiro promovendo ensaios e pequenas apresentações culturais.

O calendário de festas dessa casa é muito movimentado ao longo de todo ano, onde são festejados de modo paralelo inúmeros santos católicos, divindades africanas e não-africanas, a partir de rituais e crenças específicos promovidos por seus filhos e demais devotos. Contando com mais de uma dezena de filhos-de-santo, sendo a maioria iniciados para o primeiro ou segundo santo (vodum ou orixá), o Ilê Ashé Ogum Sogbô através de sua história ou trajetória do seu líder afro-religioso, Airton Gouveia, procurou seguir ou se espelhar no modelo ritual da Casa de Iemanjá, de Jorge Itaci de Oliveira, seguindo muito dos seus passos e ensinamentos. (LINDOSO, 2007)

Atualmente, a casa ou terreiro está em processo de expansão e desenvolvimento, visto que nos últimos cinco anos tem ampliado a sua estrutura física, aumentando mais para os fundos o seu espaço, onde foi construído um grande salão de festas para receber convidados ou pessoas de ‘fora’; foram organizadas a sala de estar para as entidades (voduns, orixás e nobres encantados); um novo espaço para a cozinha e reformas na parte residencial ou doméstica do pai-de-santo. A comunidade afro-religiosa de Ogum e Sogbô em si tem despertado para muitas discussões em torno de ações sociais e comunitárias representativas por meio do próprio terreiro.

Nesse ano de 2010 com relação ao universo afro-religioso, aconteceu a feitura e saída no Ilê Ashé Ogum Sogbô do primeiro barco de tobóssis da casa. Esse ritual contou com a participação de Mãe Rosângela de Abê, irmã-de-santo de pai Airton de Belém do Pará e chefe da Casa Grande de Mina Jeje Nagô de Toy Lissá e Abê Manjá.

3. 1º BARCO DE TOBÓSSIS DO ILÊ ASHÉ OGUM SOGBÔ

Essa expressão ‘barco’ segundo Ferretti, S. (1996, p. 291) faz referência a um grupo de pessoas ou a coletividade que serão submetidas a rituais de iniciação em um terreiro ou templo afro-religioso brasileiro, nesse caso no Ilê Ashé Ogum Sogbô de pai Airton Gouveia. O barco contou com três filhos-de-santo da casa: Neuton de Badê Queviossô, Leandro de Nanã e Aíla de Iemanjá, todos eles com rituais de feitura de primeiro e segundo santo desenvolvidos anteriormente.

É necessário frisar que para se submeter ao ritual de feitura de tobóssis ou de iniciação afro-religiosa para ‘receber’ ou incorporar essas entidades no contexto desse terreiro de Tambor de Mina é preciso que o iniciado tenha o primeiro e segundo santo ‘assentados’ ou já ‘feitos’ em suas cabeças. As tobóssis de acordo com observações de Mundicarmo Ferretti (2000, p. 83) é um termo designativo utilizado no terreiro de Mina pesquisado por ela, Casa Fanti Ashanti de

pai Euclides, e em vários outros terreiros de Tambor de Mina para designar não apenas princesas africanas, recebidas por pessoas que têm iniciação completa, a exemplo das vodúnsis –gonjaís (filhas-de-santo com iniciação completa) da Casa das Minas (terreiro de Tambor de Mina maranhense tradicional, fundado por africanos em meados do séc. XIX e que funciona até os presentes dias).

Esse termo ou categoria ‘tobóssis’ é usado também para se referir a outras entidades espirituais femininas infantis, agrupadas em famílias nobres, recebidas por vodúnsis, filhas-de-santo que passaram por preceitos ou rituais, mas não a iniciação completa na Mina. A mesma autora (Id Ibid) postula que na Casa das Minas as filhas-de-santo diziam que as tobóssis de outras casas de Mina são equivalentes as entidades espirituais infantis (erês) de uma outra matriz afro-religiosa, o Candomblé, mas não as tobóssis da Casa das Minas de nação jeje daomeana (República do Benin, ex- Daomé, África Ocidental).

Essa categoria de entidades nesse terreiro de Tambor de Mina ‘tradicional’ tinham várias características importantes, tais como: incorporação ou eram ‘recebidas’ apenas pelas filhas, vodúnsis com todos os graus de iniciação completos; eram crianças, falavam como crianças; sua comunicação era em língua africana e cada uma das tobóssis em suas filhas tinha um nome em africano; não participavam dos toques de Tambor de Mina comuns na casa e não eram confundidas com outros voduns jovens existentes nesse terreiro (toquenens). Sérgio Ferretti (1996) evidencia que essas entidades não existem mais na Casa das Minas, porque as últimas filhas que as recebiam morreram na década de 70 e o último barco de tobóssis na Casa das Minas foi realizado em 1914.

As tobóssis vinham somente três vezes por ano na Casa das Minas, ou seja, quando tinha festa grande e que duravam vários dias. Na festa do vodum feminino Noché Naé no mês de junho; no fim do ano (mês de dezembro) e nas festas de carnaval. Na Casa das Minas o vodum feminino Noché Naé é a chefe das tobóssis. O vodum Noché Naé é considerada a mãe de todos os voduns como explicita Ferretti, S. (Id, p. 101), chamada também de ‘senhora velha’ ou sinhá velha.

As suas vestimentas eram com saias coloridas, pulseiras de búzios e coral, chamadas dalsas, pano da costa colorido e manta de miçangas coloridas presa ao pescoço e usavam vários rosários. Diferente das entidades espirituais africanas chamadas de voduns, orixás, etc., que não comem ou ingerem alimentos sólidos, as tobóssis comiam normalmente como as pessoas.

Na casa de Nagô, outro terreiro de Mina fundado por africanos tradicional como a Casa das Minas, mas de nação ou de herança africana do grupo ‘nagô’, as tobóssis nessa casa eram chefiadas pelo orixá Iemanjá e lá nessa casa elas não comiam e só bebiam água e sua feitora nesse mesmo terreiro também foi extinta em meados do início do séc. XX (1915) (FERRETTI, 1996, p. 98). Em outros terreiros antigos de São Luís, Ferretti (Id, Ibid) sustenta que também havia meninas ou princesas que se assemelhavam as tobóssis da Casa das Minas como no terreiro da Turquia (bairro do Santa Cruz), mas que não vem mais na atualidade; na Casa Fanti Ashanti ele afirma que diz ter ouvido Euclides afirmar que em seu terreiro havia tobóssis, que eram provenientes de um terreiro antigo já extinto, Terreiro do Egito; o mesmo diz também que presenciou festas para as meninas em outros terreiros de Mina em São Luís e tomou conhecimento dessas entidades em terreiros de religião afro em Codó.

Usualmente essas entidades espirituais femininas tobóssis, meninas, princesas costumam vir nas festas de Arramban ou Bancada, distribuição de frutas, doces, cerimônia de fechamento do terreiro antes do período da quaresma, realizada na quarta-feira de cinzas (FERRETTI, Id, p. 290).

Três filhos-de-santo do Ilê Ashé Ogum Sogbô se submeteram ao ritual de feitura de tobóssis ou participaram desse primeiro barco de iniciação dessas entidades espirituais: Aíla de Iemanjá (contra-guia, mãe pequena), Leandro de Nanã (guia ou pai pequeno) e Neuton de Badé (braço direito de Airton, uma espécie de pai pequeno também). Neuton anteriormente tinha nos convidou para ser ‘padrinho’ de sua tobóssi e participar desse ritual de feitura ou de sua iniciação de modo mais próximo e sob uma perspectiva mais interna e de ‘dentro’ da religião.

Além dos ‘padrinhos’ terem acesso a uma parte do ritual interno de feitura desse terreiro de Tambor de Mina pesquisado, usualmente eles contribuem com uma quantia financeira ou em dinheiro para ajudar nas despesas rituais dos iniciados. Demos nossa contribuição para que Neuton pudesse amenizar os gastos e despesas com esse ritual e foram feitas várias

recomendações para que aspectos internos (segredos) não fossem divulgados ou apresentados pela pesquisa, entretanto, fomos avisados de algumas peculiaridades que deveríamos seguir ou cumprir, tais como: cor da vestimenta da festa (branco), dias e horários, etc.

A primeira parte de nossa participação ocorreu no dia 17 de abril de 2010, data marcada para o ritual interno da feitura e que somente pessoas da casa selecionadas e os padrinhos poderiam participar ou mesmo presenciar. No dia da festa da ‘saída pública das tobóssis’ ou do ‘barco de tobóssis’ chegamos ao terreiro de pai Airton por volta das 16:30h da tarde e estávamos acompanhado de alguns de um outro terreiro de São Luís, que levamos como convidados para prestigiar essa cerimônia. O toque ainda não havia iniciado e percebemos uma grande movimentação de pessoas fora do terreiro e na parte interna também.

Adentramos rapidamente no salão de danças, e várias pessoas já ocupavam as cadeiras e todos os assentos. O calor era intenso e muitas outras pessoas já se encontravam presentes embora em pé por falta de lugar. Por volta das 17h, o toque de Mina foi iniciado com o ‘imbarabô’, cântico em africano de louvação a Exu orixá da comunicação entre os deuses e os homens, por pai Airton.

Muitos cânticos sucederam depois do inicial, chamando as entidades espirituais africanas (orixás e voduns) e em determinado momento houve uma parada para a apresentação dos três filhos-de-santo com suas tobóssis já incorporadas. Anteriormente, foi feita a chamada dessas entidades em outro espaço diferente do salão de danças do terreiro.

Todos os envolvidos no ritual de feitura das tobóssis puderam adentrar ao salão de danças, onde antes foi feita a leitura da ata descritiva do acontecimento. Esse ritual contou com a ajuda de uma mãe Rosângela de Abê, pertencente a um terreiro de Mina em Belém do Pará, irmã-de-santo de Pai Airton Gouveia e descendente da Casa de Iemanjá, de pai Jorge Oliveira.

Percebemos que a feitura de tobóssis da casa de Mina de pai Airton toma como parâmetros ou tenta seguir o modelo da Casa das Minas Jeje daomeana, fazendo uma espécie de reinterpretação dessa ‘tradição’ já extinta nesse terreiro tradicional de Tambor de Mina, Casa das Minas. É interessante perceber os embates entre as casas tradicionais e as contemporâneas, onde as segundas sempre tentam se espelhar nas primeiras para manter um modelo de ‘tradicionalidade’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma: o caboclo do tambor de Mina em um terreiro de São Luís- a Casa Fanti-Ashanti**. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 1996.

LINDOSO, Gerson Carlos Pereira. **Pluralismos e Diversidade Afro-Religiosa em terreiros de Mina no Maranhão: um estudo etnográfico do modelo ritual do Ilê Ashé Ogum Sogbô**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão-PPGCS. São Luís, 2007.